

RESENHAS



CLÁUDIO, Mário. *Diário incontinuo*. Portugal: D. Quixote, 2024.

José Vieira

Universidade de Pádua, Pádua, Veneto / Itália

Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa / Portugal

jose-cvieira@outlook.pt

<https://orcid.org/0000-0003-2117-9575>

Publicado em julho de 2024, *Diário Incontinuo* é o mais recente livro de Mário Cláudio, um dos escritores da literatura de língua portuguesa com a mais extensa obra, a par com Camilo Castelo Branco e Agustina Bessa-Luís, não por acaso invocados.

De todos os géneros literários, o diário é aquele que apresenta – em teoria – um tom mais confessional e intimista, uma vez que nele é relatado de forma consistente, ou até, “intermittently, (...) thoughts, feelings or events.” (Abbott, 2005, p. 106)

Entre o registo pessoal e a função de recetáculo da memória, o diário é uma narrativa que apresenta “caminhos e pistas para entender a vida, o percurso e a obra de um escritor.” (Vieira, 2024) Na literatura portuguesa, entre outros autores, o caso mais flagrante é o de José Saramago com os seus *Cadernos de Lanzarote*, visto que o Nobel conjuga de forma hábil o discurso pessoal e intimista com aqueloutro mais ensaístico e reflexivo. Tal hibridização do género reflete, pois, a sua vitalidade e pujança.

Diário Incontinuo apresenta também essas características, acabando por levar a hibridização a um novo patamar, ao conjugar estratégias do romance intermedial nas suas páginas. Encontramos no diário de Mário Cláudio não só fotografias familiares, mas também manuscritos do próprio diário, para além de capas de livros, desenhos, pinturas e fotografias com outros escritores. Desta forma, o autor de *Amadeo* inverte parodicamente aquela ideia *romântica* do diário em

que o autor guardava uma pétala de rosa ou uma folha de uma árvore ou um fio de cabelo subvertendo, assim, a tradição literária (cf. Hallet, 2009, p. 141-144), pondo em xeque o logocentrismo. Outra característica particular desta obra é o facto de termos em anexo um conto intitulado *Chiascina, a Peregrina*, que relata a história da adoção de uma cadela vadia em terras italianas, miscigenando e revestindo, deste modo, o livro de um outro tipo de hibridez literária.

Por ser *Incontínuo*, o diário apresenta diversos hiatos temporais, correspondentes ao período da guerra na Guiné, às longas jornadas por Inglaterra e ainda às visitas demoradas à Sereníssima cidade de Veneza. De 1958 até 2019, Mário Cláudio dá-nos conta de 60 anos com os seus dias dentro, das impressões que eles foram causando no escritor a partir de episódios familiares, pessoais, amorosos, literários e mediáticos.

O diário de Mário Cláudio apresenta três grandes momentos que são entremeados com diversos episódios, peripécias e observações muitas vezes em jeito aforístico: essas três partes podem ser associadas ao escritor em formação, ao escritor confirmado e reconhecido e ao autor consagrado, que são, em jeito metonímico, espelho e reflexo do percurso do autor. Dito por outras palavras, poderia adiantar-se uma divisão entre juventude, idade adulta e velhice. Ora, tal divisão ou distinção não é estanque, mas sim complementar, uma vez que há temas e autores que surgem repetidamente, ora por um sentimento de afinidade eletiva, como é o caso de Agustina Bessa-Luís, ora por afastamento ou distanciamento crítico. Nada disto exclui, no entanto, que a predileção pela autora de *Os Incuráveis* não seja acidulada, como se verá.

No que diz respeito à juventude, é de realçar a entrada de 27 de agosto de 1958: Rui Costa é um jovem de 16 anos e escreve a partir do Hotel Cecil Oriente, em Sevilha: “O Alcazar é um palácio do século XIV. (...) O arabesco e o motivo da decoração, envolvendo paredes e capitéis. Junto ao lago das abluções, parecem dissolver-se ainda, no ruído das águas, as rimas líricas de Almotanabi. Nos jardins respira-se a languidez das noites estivais. A carícia do vento, nos arbustos, leva até à frescura das fontes as intimidades dos idílios, os *oaristus* brandos, que os bosquezinhas guardam. Na sua capela, a Virgem de la Macarena é bela em demasia, o que lhe prejudica a santidade. O lenço de renda, que suspende entre os dedos, tem um acento de tal modo *coquette*, que apenas esse toque tão leve serviria para justificar a asserção” (Cláudio, 2024, p. 26-27).

A escrita impressionista e pictórica demonstra e revela a capacidade de observação, mas também a maestria no domínio da língua literária, servindo, assim, o diário, como uma espécie de oficina do escritor em devir, revelando, logo nas primícias, um marcante imaginário e um colorido bem garrido.

Anos depois, e ainda nos tempos da juventude – consideremos, para o que interessa aqui, a juventude do escritor até aos seus 44 anos, ou seja, 1985, ano da entrega do prêmio da APE pelo romance *Amadeo*, que confirma Mário Cláudio no mundo das letras –, surge a admiração, *cum grano salis*, por Agustina Bessa-Luís, que ocupará várias entradas do diário. Veja-se a entrada de 13 de junho de 1981: “No comboio para Lisboa, há semanas, o Alberto Luís contou-me de que forma a Agustina se decidiu pelo seu *Santo António*: em Pádua, após as orações junto ao túmulo do taumaturgo, confessa nada conhecer da vida do Santo; vão ambos à primeira livraria, compram uma biografia elementar, que folheiam logo no almoço. Agustina: «Vou escrever a vida dele.»; junto ao sepulcro foi tomada de uma espécie de choque eléctrico. Vejam só! A Agustina!” (p. 53) Páginas depois, a 11 de dezembro do mesmo ano, nova referência à pitonisa do Norte, desta feita em clave cáustica: “Memória da monomania literária: a Agustina, que não gosta de mim por sermos tão próximos, evidentemente.” (p. 78)

Já em 1982, a de 7 de setembro, lê-se a seguinte entrada que acaba, uma vez mais, por estabelecer o equilíbrio na relação de dois escritores que partilham imaginários e interioridades: “Visito a Agustina Bessa-Luís, um pouco em serviço. Falamos de muita coisa, (...) num espírito de larguíssima conciliação e fervor. (...) Oferece-me um exemplar da tiragem especial de *Sebastião José*, com uma belíssima dedicatória. Acontece isto exactamente no dia em que concluo a leitura da edição normal, e me pergunto como resistir à grandeza desta prosa inarticulada, tanto mais saborosa quanto descosida, de modo igual àquilo que faz de um pudim deformado iguaria maior do que, tantas vezes, o pudim escorreito.” (p. 88-89)

A relação com Agustina não deixa de ser o reflexo da condição humana nas suas contradições, defeitos e virtudes, o que fica transposto de forma soberana nas entradas do diário de Mário Cláudio. Desengane-se, porém, quem pensar que esses paradoxos ou contradições não acompanham as outras fases da vida e do diário. Já em 2005, em pleno período do escritor estabelecido e confirmado – consideremos esse período, *grosso modo*, de 1985 até 2011, data da publicação de *Tiago*

Veiga. Uma Biografia –, o autor de *Camilo Broca* escreve sobre Agustina, na entrada de 16 de julho de 2005: “Estou numa mesa com a Agustina, opinando sobre “O Futuro dos Romances”. Ela abraça com entusiasmo o papel de sibila jubilada, servida agora por aquele jeito folgazão que a transforma numa espécie de grande bobo do Reino, sempre pronto ao chiste, mas sempre respeitado” (p. 196).

Agustina é simultaneamente o “monstro sagrado” – expressão de Tom Jobim a propósito de Heitor Villa-Lobos –, e o termo de comparação, isto é, o mestre a alcançar e, quem sabe, a derrubar.

A fase da confirmação do escritor corresponde também, curiosamente, mas não por acaso, à procura de um lugar a Norte do Norte para assentar e ainda à escrita e projeto de *Tiago Veiga. Uma Biografia*, o ponto de viragem e de consagração de Mário Cláudio. E a procura começa, não por acaso, logo em 1985, como se lê na entrada de 6 de junho: “Com o Joaquim, lá sigo por estradões e estradas e estradinhas do Alto Minho, em busca da casa e do pedaço de terra onde possa implantar-me, algumas vezes, ao menos, sem livros nem coisas, com certa música, inteiro. Mas é, sobretudo, este destino de ter sempre de sustentar nas mãos um projecto avassalador, antes que a sombra ou o tédio me tomem, aquilo que fundamentalmente me espanta.” (p. 106) A instalação definitiva dar-se-ia em 1992 (p. 113).

Porém, o assentar arraiais na Casa da Ramada prolongar-se-á ao longo dos anos, o que acaba por ficar presente não só no livro em análise, mas também no romance de 2021, *Embora Eu Seja Um Velho Errante*, recorrendo o autor, deste modo, à transficcionalidade como estratégia narrativa.

Em plena idade adulta, Mário Cláudio utiliza o diário não só como espaço de reflexão e meta-reflexão, mas também como campo de hipóteses literárias, qual(is) esboço(s) para o futuro. Em 2005, a 4 de julho, escreve o diarista: “Será desta que encarreiro na escrita de um diário, atravessadas as tentativas que vêm da mais funda juventude? Um diário alimenta-se das horas que fabricam a mocidade, quando tudo é escavação, ou das que pertencem à velhice, quando resta o inventário. Em nenhum destes lugares corresponde o diário a um exercício artístico.” (p. 191)

É em 2005 que são lançados *Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga*, ano importante para a construção dessa “vasta machine” que será a biografia do “esfinge magra”. O leitor mais incauto poderá achar o encontro das datas mera coincidência, no entanto, em escavando um

pouco e em prestando atenção ao texto “Incontinências”, que serve de prefácio ou preâmbulo ao *Diário*, encontrará o seguinte no que diz respeito a faltas de informação ou de detalhes no livro agora dado à estampa: “A quantos apetecer espreitar semelhantes lacunas, e colmatá-las com um grão de sal, sugerir-se-á a romagem às páginas de dois livros da lavra do plumitivo, *Tiago Veiga e Astronomia*.” (pp. 8-9) Ora, não por acaso, publicados em 2011 e 2015, ambas as obras fazem parte do período da consagração do escritor e podem ser consideradas narrativas autoficcionais, como tive oportunidade de dizer num outro lugar. Este remeter para outros livros, para além da transficcionalidade, ativa também mecanismos de intertextualidade, tornando assim o texto mais denso e mais rico, apresentando pistas outras àqueles que se aventuram na leitura deste *Diário Incontínuo*.

Ainda a propósito desses dois livros – *Tiago Veiga e Astronomia* –, é de realçar que são as obras que mais vezes surgem citadas ao longo do diário, o que demonstra não só a sua importância no percurso do escritor, como também a relevância da sua leitura como complemento e adenda. No caso de Tiago Veiga, são 40 as referências entre *Os Sonetos Italianos*, a escrita de *Tiago Veiga. Uma Biografia*, os projetos abandonados pelo poeta e a sua receção, num arco temporal que vai de 2005 até 2013; já *Astronomia* surge, pelo menos, 3 vezes, de 2011 a 2014. Se é certo que em número muito menor, não é despicienda a sua presença ao longo das páginas do diário, visto que estes dois livros podem ser considerados dois dos mais representativos e bem conseguidos do autor que leva 55 anos de vida dedicados às Letras.

Ainda a propósito da *Biografia* de 2011, escreve o diarista a 20 de maio de 2010: “Concluo *Tiago Veiga*, e só falta o prefácio, com a sensação de ter encerrado um capítulo da minha vida.” (p. 399)

Os anos de 2011 até 2019 são, portanto, os da consagração do escritor multipremiado e reconhecido, que vê ser criado em Venade o Centro de Estudos Mário Cláudio a 12 de outubro de 2013, memorizando – em registo auto-irónico, mas nunca despido dos mais ternos sentimentos por Paredes de Coura, sua terra do coração – o seguinte: “O faraozito contempla a sua pequena mastaba, e sorri “como quem tem chorado muito.” (p. 457)

No fundo e no fim, a escrita de *Diário Incontínuo* demonstra “um desassombro que está longe de ser o dominante num meio literário, como o português, onde as inconfidências raras vezes são plasmadas em letra de forma” (Almeida, 2024), jamais despojada, no entanto, de um forte

ingrediente humorístico e auto-irónico, revelando a antiga sabença de jamais se levar demasiado a sério, Agustina *dixit*. É o que fica plasmado, por exemplo, na entrada de 30 de agosto de 2014: “Na (...) Póvoa do Varzim, um desconhecido vem felicitar-me pelo meu trabalho, tecendo encómios e agradecimentos. E registo aqui a ocorrência, imitando o José Saramago que fez algo idêntico, ao anotar no seu diário o júbilo por se ver reconhecido por uma hospedeira do ar. Que inseguros que somos todos nós, os da escrita, com ou sem Nobel à vista!” (p. 470)

A constante referência ao outro, ou aos outros, sejam eles escritores, artistas plásticos, académicos ou amigos e familiares, condensa e reflete escorreitamente não só o que perpassa as páginas deste *Diário Incontínuo*, mas também toda a obra de um autor a quem tarda o Prémio Camões, como ficou explícito no programa *Primeira Pessoa*, de outubro de 2024: “A nossa grandeza faz-se do outro e não de nós próprios. (...) O facto de serem precisos dois para fazer um maior já constitui um convite a uma certa humildade. Ninguém é grande sozinho.”

Referências

ABBOTT, H. Porter. Diary. In: HERMAN, David *et al.* *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London: Routledge, 2005.

ALMEIDA, Sérgio. Deitar contas à vida sem perder rumo. *Jornal de Notícias*, 2024.

PRIMEIRA PESSOA. Entrevistado: Mário Cláudio. Entrevistadora: Fátima Campos Ferreira. 2024. 1 vídeo (32 min). Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p12800/e800197/primeira-pessoa>. Acesso em: 9 out. 2024).

HALLET, Wolfgang. The multimodal Novel: The integration of Modes and Media in Novelistic Narration. In: HEINEN, Sandra; SOMMER, Roy (Eds.). *Narratology in the Age of Cross-Disciplinary Narrative Research*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2014.

VIEIRA, José. A escrita de todos os dias: *Diário Incontínuo*, de Mário Cláudio. *As Artes entre as Letras*, n. 372, 2024.

Data de submissão: 21/11/2024.

Data de aprovação: 06/03/2025.